

HANS KEILSON

# A morte do inimigo

*Tradução*

Luiz A. de Araújo



Copyright da edição original © 1959 by Verlag Georg Westermann, Braunschweig  
Copyright da edição revisada © 2005 by S. Fischer Verlag GmbH, Frankfurt

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa  
de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*

Der Tod des Widersachers

*Capa*

Alceu Chiesorin Nunes

*Imagem de capa*

Richard Hamilton Smith/ Corbis/ Latinstock

*Preparação*

Márcia Copola

*Revisão*

Renata Lopes Del Nero

Carmen T. S. Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Keilson, Hans, 1909-2011

A morte do inimigo / Hans Keilson ; tradução Luiz A. de  
Araújo. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2013.

Título original: Der Tod des Widersachers

ISBN 978-85-359-2201-1

1. Ficção holandesa I. Título.

12-13396

CDD-839.313

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura holandesa 839.313

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

# 1.

Há dias e semanas que só penso na morte. Embora goste de dormir até tarde, acordo cedo toda manhã, depois de uma noite sem sonhos. Sinto em mim uma força e uma disposição que fazia tempo não sentia. Saúdo o dia que novamente me traz a ideia da morte. A cada alento, ela se aprofunda até chegar ao lugar mais recôndito do meu corpo, preenchendo-o por completo. É a morte que empunha minha pena, a morte! Só Deus sabe que experiência botou os ovinhos dessa ideia no meu cérebro, onde chocaram e maturaram imperceptivelmente, para um dia eclodir e me povoar a consciência. Ah, pensei quando ela irrompeu pela primeira vez dentro de mim, ei-la, e a saudei como quem saúda um bom e velho conhecido que chegou no trem posterior àquele em que era esperado. Na verdade, eu não a esperava tanto assim, ela chegou muito cedo e me surpreendeu. Tampouco a queria comigo. Antigamente, quando eu ouvia outras pessoas falarem das suas ideias de morte — e não há coisa de que mais gostem de falar do que da sua Derradeira —, ocorria-me de repente: e quanto a você, você em relação à morte, diga, como lida

com ela? Ao mesmo tempo, fumava calmamente meu cigarro e bebia meu chá açúcarado, escutava as narrativas alheias e me sentia bem, apenas isso. Em todo caso, eu era o que chamam de um neutro interessado. A morte, pensava, bem-vinda ou indesejada, juro que não sei o que fazer com ela. Ainda tenho saúde, toque-toque-toque, ainda me sinto bem com minha juventude e espero a nada estar predestinado. Tudo isso mudou quando comecei a pensar na morte. E só o que faço é ficar sentado, sentado, pensando nela. Estou tão dominado por essa ideia que, se me decapitassem, meu estômago ou meu joelho direito assumiria a atividade de pensar nela, e aposto que se sairia bem. Tão repleto estou da morte, tão saturado.

Contar como ela entrou na minha cabeça, em mim? Não lembro e prefiro deixar os nós intactos, tal como foram atados. É a mesma coisa que querer dar uma resposta exata quando o médico pergunta qual foi a primeira vez que se sentiu a dor no braço: uma terça-feira, recordo perfeitamente, eu estava passando pela feira de cavalos e topei com um conhecido. Ele me contou que de quando em quando sentia uma leve pontada no braço, em cima, na região da articulação. Pode ser reumatismo, digo. Quem há de saber? Depois, quando sigo meu caminho, também sinto um levíssimo estiramento no braço, perto do ombro, e mais um, talvez tão delicado como quando a mãe percebe o primeiro movimento do filho no ventre. Mas não, isso ninguém pode dizer, e quem disser que pode deve ser louco; ou o outro, se acreditar, um idiota.

Não sei dizer como a morte penetrou em mim, mas sei perfeitamente como dela me dei conta. O que suportei quando, de madrugada, a dor feroz sacudiu a placidez do sono. Só que não se tratava de uma dor. O que me invadia era algo totalmente diferente, muito mais beatífico que a dor. Quase morri.

Aqui devo esclarecer que tipo de ideia da morte me acome-

teu. Não foi a ideia da minha morte, a ideia de um dia — próximo ou remoto — vir a morrer. Juro pelo eterno céu da noite que semelhante nescidade nunca me passou pela cabeça, e espero nunca precisar me ocupar dela. A ideia da minha morte: essa me deixa indiferente, alheio, está longe de me abalar. Duvido que uma pessoa sensata se dê o trabalho de pensar na própria morte. Não é da minha conta, dirá, minha morte não me interessa, pensar nela seria amesquinhar a vida, que pode ser grande quando grande a desejamos, seria traçar limites a que ela deveria se restringir voluntariamente. Um homem como eu — e não sou o único, ainda bem que sei disso — vive, trabalha e inicia a lida cotidiana pensando que, em nome do céu e de todos os justos, ela há de se prolongar, eterna e ininterruptamente, até o fim dos tempos.

Foi a ideia da morte do meu inimigo que, como o frio da noite, me repassou e estremeceu. A morte do meu inimigo: penso nela com toda a bem-aventurança que uma ideia pode ter para quem considera o pensamento coisa viva. A morte do meu inimigo: eu a concebo e vivencio com a circunspecção e a grandeza que a ideia de inimigo pode ter e merece. A morte do meu inimigo: a cada hora do dia, dedico-lhe uma porção dos meus pensamentos. São os momentos mais sublimes da jornada, afora as noites e madrugadas, nos quais nenhuma outra ideia me domina. A morte do meu inimigo: bendita seja a ideia da morte do meu inimigo. Sua morte, convém contemplá-la demoradamente, como a noiva ao noivo, dizem aqueles que têm o singular prazer de ligar a causa do amor à causa da morte. É preciso habituar-se devagar a ela para lhe aferir o valor e a dignidade. Só quem isso aprendeu pode ter a pretensão de haver plasmado a vida cabalmente. Mas eu vi muitos que, havendo se acostumado lenta e dolorosamente à sua própria morte, ficaram arrasados com a morte do amigo.

Vi pouca gente que estivesse à altura da morte do inimigo. No momento em que tal ideia me arrebatou, minha vida se alçou a um objetivo. Eu não procurara essa meta nem a imaginava reservada a mim. Ah, que vida execrável a minha até descobrir que propósito pode estar destinado a um homem na terra. O que significam todos eles, os outros objetivos que as pessoas se propõem na ilusão de que a felicidade, o amor, o ódio podem diminuir o insofrito resíduo que fica num corpo sem vida. Nenhuma mentira, por magnânima que seja, é capaz de apagar o fogo que a morte atea no verdadeiro desejo de festa à hora da percepção. No ar, um rumor como a queda de uma árvore antiga e robusta, uma seta disparada no azul resplandecente do inverno: meu desejo é risonho, meu inimigo adentra a branca terra da morte.

Quero que ele, que em vida se sabia meu inimigo tanto quanto eu dele, tenha em mente na hora derradeira que minha ideia da sua morte é digna da nossa inimizade. E não faço a menor concessão. Ela segue sendo nosso pecúlio imperecível mesmo no seu instante final. Mesmo na morte, eu lhe sou grato por ter preenchido nossa vida.

Longo foi o caminho do fim do meu inimigo. Vitorioso, ele avançou de triunfo em triunfo: a trajetória de um imortal. Também percorreu vales, pântanos e lodaçais onde germinam e fervilham desejos inconfessáveis, o bafio carregado de moléstias e insídias: a vida de um mortal, como a minha. Hoje sofreu seu maior triunfo: embrenhou-se na branca terra da morte. Porém, mais longo foi meu caminho para, livre das motivações mesquinas com que tanto se deleitam o ódio e a vingança, encontrá-lo na sua última andança. Ainda vive uma centelha de ódio e vingança no meu pensamento, sulca-o ainda um vestígio de aversão. Quem dera poder extirpar do pensamento esse último laivo, as voluptuosas ramificações e raízes de mágoa e raiva: sou eu que estou sentado e espero, e é ele que ingressa na morte, ouviram,

ele é que ingressa na morte! Não se podem cortar as rugas do rosto como se cortam as partes podres de uma maçã, só nos resta levá-las sabendo que as levamos, e as vemos diariamente, como no espelho quando nos lavamos, não podemos segá-las, são parte da fisionomia. Mas, apesar de tudo, é uma espera festiva, cheia de alegria e tristeza e lembrança e despedida e separação definitiva.

Não quero sua morte como desejamos mal a alguém ou com o ânimo assassino com que tentamos nos desembaraçar de um adversário.

Como erra quem acredita que a morte é uma espécie de punição. Confesso que eu mesmo passei muito tempo à mercê desse equívoco. Tamanho era meu ódio, tamanho meu desejo de desforra. Queria vingar não só a mim, não só a desgraça que ele me impingiu, a qual eu então ainda sentia grande e exclusivamente minha, como a todos os outros, os do meu povo, que sofriam como eu. Por sorte, percebi a tempo, coisa que também agradeço ao meu inimigo.

Meu inimigo — vou chamá-lo de B. — entrou na minha vida, lembro-me, há cerca de vinte anos. Na época, eu sabia apenas vagamente o que significa ser inimigo e menos ainda o que significa ter um inimigo. É preciso amadurecer em relação ao inimigo tal como em relação ao melhor amigo.

Muitas vezes ouvi o pai falar nisso com a mãe, geralmente no misterioso tom cochichado dos adultos para que nós, crianças, nada ouçamos. Havia um novo tipo de confidencialidade nas suas palavras. Falavam para esconder algo. Mas as crianças, de ouvidos por eles mesmos aguçados, detectam os segredos e temores dos mais velhos e assim crescem. Meu pai disse:

“Se B. chegar ao poder, Deus nos acuda! Vamos comer o pão que o diabo amassou.”

Minha mãe respondeu com mais calma: “Talvez não seja assim, quem sabe? Tão poderoso ele também não é”.

Ainda trago nos olhos a imagem dos dois conversando.

O pai sentado na cozinha, numa cadeira baixa, um homenzinho atarracado, gorducho, o cotovelo apoiado na borda do armário que ocupa toda a parede. Está com a cabeça redonda inclinada para o lado, os dedos espalmados carregam o fardo. Foi ele que falou, mas a inclinação da cabeça engana: como se estivesse tentando captar uma mensagem com o outro ouvido. Escutar. No entanto, bem lúgubre há de ser a mensagem que recebe. Quando ele fala e escuta, em seu rosto se estampa tristeza, mortificação, como se nos íntimos recônditos um negro véu o encobrisse, ocultando-o e ao mesmo tempo servindo-lhe de pano de fundo para tudo, e, por cima e na frente, o outro se mostra descontraido, o exterior — músculo, pele, cabelo — ostenta movimento, às vezes arrisca um sorriso, mas, mesmo assim, quem observa esse rosto sabe que, por trás, o que há na base sobre a qual ele se erige, o que há, nascida no âmago, é tristeza, mortificação.

Diante dele, sua mulher, a mãe, recostada na mesa, inclina-se levemente no acanhado espaço vazio, que abre uma passagem entre os dois e que uma mosca preenche com seu zumbido errante, e baixa os olhos para fitá-lo, tão pequenino na cadeira, menor que uma criança, embora seja adulto. Assim se inclina tantas e tantas vezes diante de tudo que é menor e mais fraco, e, sem que ela perceba, seu corpo se afeiçoa espontaneamente a esse curvar-se, embora ainda pareça aprumado e jovem. Ela sabe que ele não ouve o que suas palavras manifestam, que nada vindo de fora rompe essa cortina, mas que o inclinar-se no espaço vazio o alcança. Ele que com seu trabalho fragmenta o tempo em muitas partículas e reduz o movimento a um intervalo sem alento, a estagnação e suspensão, e, entretanto, nesse torpor, ainda procura recapturar parte do que se move, quer avivar o movimento na pa-



ralisia, sente o movimento na sua direção e o interpreta, dele retira o que outros retiram das palavras.

Ele subiu da câmara escura, onde as placas são banhadas em grandes bandejas de vidro até que nelas surja a imagem, e entrou imediatamente na cozinha, que achou vazia. Sentou-se no banco mais baixo, sua esposa o ouviu subir e entrar. Foi ao seu encontro.

A cozinha é o lugar mais árido da casa, apinhado de móveis pintados de verde, polidos e lisos. Acima do porta-toalhas há uma cortina branca com bordado azul, e em torno da moldura do armário estende-se uma faixa de renda branca. Tudo é frio e lambido. No meio, um lustre pende de um comprido fio marrom. Às costas do homem, uma longa cortina amarela desbotada esconde duas prateleiras abarrotadas de sapatos, e abaixo, no chão, a um canto, uma pilha de jornais velhos.

Nesse momento, o menino entra no cômodo. Acaba de ouvir vozes pela porta fechada. Vozes que ainda exprimem o que há por trás das palavras, e o menino, curioso, é por elas atraído à cozinha.

Para a criança, a cozinha é lugar de prazer e doces segredos, de surpresas agradáveis, nas quais, de preferência, ela enfia o dedo para depois lambê-lo, não lugar de conversa séria.

Nada sei do início dessa conversa, não é só das palavras que me lembro, embora entre elas, pela primeira vez para a minha consciência, tenha se pronunciado o nome que eu nunca mais iria esquecer. Mas na maior parte das vezes as palavras não têm a menor importância. Mesmo havendo-as esquecido, lembro-me do quadro geral, duas pessoas numa cozinha polida e árida, uma sentada e com a cabeça apoiada na mão espalmada, a outra de pé, e, entre elas, um estreito espaço vazio onde se debruça um corpo de mulher. E também me lembro da comunhão de ambas, que a ambas invade inexoravelmente, uma delas já inteiramente

expectante e nela arrimada, como que em busca de refúgio e guarida, e a outra opondo resistência, ainda sublevada, disposta a absorvê-lo: o inexorável desassossego. Este ocupa a totalidade do quadro tal como se apresenta em bloco, mas também está em cada detalhe, na prega da cortina descorada diante da qual se acha o pai, na mosca que gira ao redor da lâmpada e, com seu voo zumbidor, mede o espaço vazio entre os dois. E ainda no lustroso soalho encerado e nas portas fechadas do armário e no interruptor à entrada. O inexorável desassossego está em tudo, e as coisas que recordo isoladamente, isto ou aquilo, uma puxa a outra consigo e se condensa no todo, mergulharam nas profundezas da memória e lá permanecem até hoje. Não se trata de medo, trata-se de algo mais forte e imperturbável que o medo quando irrompe. Ou seja, você pode senti-lo aproximar-se devagar e pousar a mão nos seus ombros. Pode esbarrar nele, mordê-lo e usá-lo como esteio. É tão real quanto o interruptor, a mosca e os jornais velhos no canto atrás da cortina.

Tudo isso foi uma impressão de poucos segundos quando entrei. A conversa deles ainda durou algumas frases. Meu pai pousou em mim um olhar perquiridor, como se estivesse refletindo seriamente a meu respeito. A sombra dos seus olhos desvaneceu. A mãe endireitou o corpo e riu para mim.

“Ainda falta muito para que se chegue a tanto”, disse. “E quem há de saber?”

O pai tirou do bolso um disparador e com ele começou a brincar.

“Hoje eu fotografei um cachorro e um gato”, disse.

“É mesmo?”, alegrei-me. “Os dois se davam bem?”

“Não”, respondeu ele, divertido.

“Então como conseguiu fotografá-los?”

“Vou contar. Uma mulher chega ao meu ateliê. Vem conduzindo pela guia uma cadela dinamarquesa enorme e muito bo-

nita e, no outro braço, traz um cesto com uma gata persa. ‘Estas são Bützi e Hützi’, diz. ‘Vieram tirar retrato. São os bichos mais bem-comportados do mundo, já faz um ano que moram juntos. São nossas filhas e se gostam como se fossem irmãs. Meu marido quer, de aniversário, uma fotografia das duas, mostrando que elas vivem na mais perfeita paz. Vai ser o meu presente, para que fique registrado.’

“Como assim, registrado?’, perguntei.

“Ora, que lá em casa cães e gatos vivem em paz.”

“Você e suas histórias”, riu-se a mãe, erguendo um dedo ameaçador.

“Mas é verdade”, defendeu-se ele.

“Verdade ou mentira”, prosseguiu ela, bem-humorada.

“Mas as duas se detestavam”, interferi, “pelo menos foi o que você disse no começo, então...”

“Vocês não me deixaram terminar.” E ele continuou: “A mulher tira a gata do cesto e a coloca no chão. A cachorra senta, torna a se levantar e se põe a trotar alegremente pelo ateliê. A gatinha se enfia debaixo da mesa e começa a se lambar. Enquanto isso, eu e a mulher conversamos, discutimos o formato e o número de cópias. Ela encomenda tantas que parece ter a intenção de distribuí-las à família inteira e a todos os amigos. Acertamos o preço. Cá comigo, penso no combinado. Tem de ser uma fotografia simples. ‘O que a senhora acha de uma mesinha com flores no fundo?’, pergunto. ‘Ah, sim’, responde ela, e logo depois, ‘ah, não, melhor não, prefiro uma foto só das duas, as flores atrapalham.’ Eu puxo uma cadeira baixa, cubro-a com um pano amarelo, a mulher chama a gatinha, que está debaixo da mesa, e a coloca na cadeira, ela começa a ronronar, a cadela se aproxima trotando, mas obedece à ordem da dona e volta a sentar. Eu preparo a luz, acendo a do teto, posiciono dois pequenos *spots* para iluminar corretamente o grupo. A mulher está

com os bichos, conversa com eles. Nesse meio-tempo, a gatinha já saltou da cadeira; a cadela continua sentada e acompanha tudo com interesse. ‘Venha, Bützi’, chama a mulher. Bützi se aproxima devagar e é recolocada na cadeira, fica um momento tranquilamente sentada, estica o pescocinho, olha para cima, dando a impressão de equilibrar o bigode entre o focinho e o lábio superior, pisca, olha nervosa para a direita e para a esquerda e torna a pular para o chão. No mesmo instante, a mulher diz: ‘Ah, eu me esqueci de pôr a coleirinha para que você saia bonita na foto’. A gatinha, que voltou a se instalar debaixo da mesa, retorna gravemente com seu andar tenso e vacilante. A mulher se agacha e cinge seu pescoço com a coleira. A seguir, torna a colocá-la na cadeira, e, no mesmo instante em que suas mãos soltam o corpo dela, a danada foge outra vez. ‘Ora essa, Bützi’, ralha a mulher, já um pouco irritada, e, enquanto pressiona de leve o animal na cadeira, vira-se e me pergunta se ainda vai demorar, visivelmente nervosa e insegura quanto ao sucesso da empreitada. ‘Já está tudo preparado’, digo. ‘Só falta ligar este fio, pronto.’ ‘O excesso de luz as deixa nervosas’, reclama a mulher.”

Ele interrompeu a narrativa e me olhou com deboche. “Pois é, a mãe sempre dá um jeito de embelezar o comportamento dos filhos que, pouco antes apresentados como o paradigma da virtude, cometem uma gafe na frente de todo mundo — não acha?”

Inclinou a cabeça redonda para o lado, piscando os olhos um pouco estrábicos. Calou-se como que à espera de aplauso. De vez em quando, ele gostava de chamar a atenção com uma constatação objetiva, por óbvia que sua insinuação fosse para cada um de nós. Mas, com os anos, a mãe aprendera a tolerar essas coisas. Também se calava como se estivesse interessadíssima na história e aguardasse a continuação.

“Pois bem”, prosseguiu ele, voltando a endireitar a cabeça,

“enquanto a mulher protege a gatinha, eu a vejo corar e me dou conta de que também se empeteceu como se fosse aparecer no retrato. ‘A senhora não quer pegar a gatinha no colo?’, pergunto. Ela hesita em responder, apenas diz: ‘O senhor acha? E quanto custa?’. ‘Claro que acho’, digo, ‘assim seu marido terá tudo que ama na mesma fotografia, e não vai lhe custar um centavo a mais.’ Ela vacila outra vez, afasta-se devagar da cadeira, reflete, olha para os animais, olha para mim e fica em silêncio. Enquanto isso, Bützi continua sentada na cadeira, eu testo a primeira pose. ‘Ah, não’, diz a mulher, ‘só os bichos, como é na realidade.’ Eis que entra em cena a dinamarquesa — que até então estava tranquilamente sentada, observando o mau comportamento da gata —, escancara a boca e boceja, levanta-se, gira várias vezes em círculo e torna a sentar, mas dessa vez de costas para a câmera. Bützi parece intrigada. ‘Hützi’, diz a mulher a certa distância, no lugar onde se recolheu com resignação, e, zangada, avança para os animais, agarra a cadela pela coleira e, com um safanão, vira-a para a objetiva. Seu nervosismo é tal que contagia os animais. Bützi volta a pular para debaixo da mesa, e Hützi acaba de se enrolar nas dobras da cortina. Bützi salta num refletor desativado, Hützi vai à janela grande e olha para fora enquanto sua dona, ora seduzindo, ora ameaçando, procura restaurar a colaboração dos bichos, em vão. É um esgueirar-se e trotar, um saltar e correr pelo ateliê, um silencioso e alegre protesto dos animais contra a exibição da sua inatural paz doméstica. E entre eles a nervosa e perplexa mulher, suando de mágoa, decepção, e também por causa das lâmpadas de mil watts, rompendo constantemente o silêncio com gritos como: ‘Ah, Hützi’, ‘Venha, Bützi’, ‘Ah, não’, ‘Vá para o seu lugar’, ‘Venha com a mamãezinha’, e então a afirmação de que sua convivência em casa é sumamente pacífica. ‘Decerto são as lâmpadas que as deixam nervosas, afinal elas não estão acostumadas, e agora vou ter de pensar em outro presente para o meu marido!’”

“Se você tivesse dado um pires de leite à gatinha”, disse eu, “seria fácil fotografá-la. Mas assim... que pena!”

“Acontece que eu a fotografei”, retrucou significativamente o pai.

“É mesmo?”, alegrei-me, “conte como conseguiu.”

“Venha. Vou lhe mostrar como foi.”

“Para mim, você pode mostrar depois”, disse a mãe, e desapareceu.

Nós descemos ao ateliê, onde a cadeira e o equipamento continuavam no mesmo lugar. A luz estava apagada.

Assim como a luz artificial é diferente da luz do dia, a escuridão da câmara escura é diferente da escuridão da noite. Você acaba de passar por uma sala clara, inundada de luz por todos os lados, e agora está numa câmara escura, mas lá fora é dia. Como está escuro aqui, diz consigo, talvez para criar um pouco de coragem na escuridão. Quem sabe que ideias não lhe ocorrem numa saleta fechada e escura enquanto você conservar a consciência de que lá fora está claro, há luz, é dia. Mas, de noite, se você sair de uma sala iluminada e entrar em outra onde reina a escuridão, é tudo diferente, e você é outro à noite. Mas agora, se quiser, pode sair do quarto escuro a qualquer momento e voltar para a sala clara. Mas não, você tomou uma decisão espontânea e fica. Lá fora é dia. Você entrou e está cego com tanta escuridão. Ela atinge profundamente o epitélio pigmentar dos seus olhos, chega a doer um instante, tanto que você cerra as pálpebras e espera que, lá dentro, os cones e bastonetes estabeleçam um novo acordo. Ambas estão em você, a escuridão e a claridade, ambas embutidas no fundo da sua retina, você pode colhê-las no mesmo poço, conforme o lugar em que estiver, no claro ou no escuro. Quando volta a abrir os olhos na câmara escura, enxerga um pontinho incandescente num canto da sala, um pontinho vermelho. No começo, não viu nada naquela es-

curidão, mas agora o vê. Solto em meio ao negrume, ele paira e emite um brilho pequenino e fraco. Não chega a ser luz, é apenas uma incandescência, só serve para tornar a escuridão ainda mais profunda, mais visível, e você a absorve com o escuro dos seus olhos e a leva consigo no corpo e nas mãos, assim como a escuridão o leva consigo e avisa que a palavra do Criador pode ser proferida a qualquer momento. Silêncio e escuridão e o palpar do coração.

“Venha”, diz o pai, e, na suave treva, eu o vejo tirar de uma bandeja grande e cheia de líquido uma placa escura, cujas gotas tornam a cair na bandeja, e a aproxima da lamparina vermelha. Também vejo seu vulto desprender-se vagamente da escuridão e consigo reconhecer-lhe os movimentos ao lavar. Depois de um prolongado silêncio, ouço a sua voz, parece-me mais grave e sonora. Sempre que estou aqui, sozinho com ele, invade-me um temor repleto de expectativa, diferente de quando estou sozinho com ele num cômodo iluminado. Porque é no escuro que se engendra o feito de cada um, é possível levá-lo à claridade e devolvê-lo à escuridão, na escuridão ele é concebido.

“É um cachorro”, digo com voz abafada.

“É Hützi”, corrige ele. E me mostra outra placa. “E aqui?”

“Bützi!”, exclamo. “Quer dizer que você conseguiu fotografá-las!”

“Sim, mas uma por vez.”

“Elas se detestam. E agora?”

“Vou pôr as duas numa placa e fazer uma prova. E, na fotografia, Hützi e Bützi estarão juntas e em paz, como é seu hábito em casa: o presente de aniversário.”

As duas placas fotográficas voltam para a bandeja grande de vidro. Eu olho para ele, tenho a impressão de que a escuridão ficou mais clara. Reconheço as suas feições carnudas, nas quais se esboça um ar de triunfo. Já não é uma sombra, voltou a ser uma forma.

E digo: “Acontece que não é verdade, pois elas não ficaram juntas aqui”. Ao mesmo tempo, sinto crescer em mim uma admiração por ele, ainda que minhas palavras só contenham crítica.

“Que importa?”, diz o pai, assombrado. “Isso se chama montagem fotográfica.”

“Mas não é verdade”, teimo. “Você faz isso e acha muito divertido, mas não passa de fingimento!”

“Ora essa!” Ele se irrita. “Aí é que está a graça. Você ainda não entendeu.” A câmara voltou a ficar mais escura. Ele apagou a lamparina vermelha.

“Venha!”

Sinto-o segurar-me o ombro e, tateante, sou empurrado na escuridão ao longo das paredes recobertas de preto, por passagens tortuosas, nas quais se precipitam partículas de luz exterior. Então ele empurra para o lado uma cortina preta, as argolas resvalam na barra de ferro, e nós ficamos expostos à intensa luz do dia.

Sentindo necessidade de retificar alguma coisa, pergunto de chofre: “Posso ver quando você o fizer?”.

Ele me encara, olha para o jardim pela janela grande do ateliê e diz com enfado: “Não!”.

“Deus nos acuda.” Durante muito tempo, as palavras do meu pai continuaram ecoando em mim. “Deus nos acuda...” Quem era aquele homem que tornava necessário que Deus nos acudisse, que fazia meu pai tremer ao falar nele?

Um dia, eu o chamei e lhe perguntei diretamente. Dessa vez, ele respondeu com calma.

“B. é nosso inimigo”, disse, e ficou olhando para mim, pensativo.

“Nosso inimigo”, repeti com incredulidade.



“Não comece com suas histórias!”, gritou minha mãe do quarto contíguo. Sua voz estava trêmula.

“Ele me perguntou e eu respondi”, replicou o pai.

“Não esqueça que ele é uma criança!”

“Mas vai entender. Por acaso não é verdade?”

Ela ficou calada.

“Nosso inimigo?”, tornei a dizer com ceticismo.

“Sim, inimigo seu, meu e de muita gente!” Ele riu alto, pensei que estivesse rindo de mim. As commissuras da boca erguidas. Encarou-me com desdém.

“Agora chega!”, gritou a voz no cômodo vizinho.

“Por quê?”

“Não precisa responder a cada pergunta que ele faz!” E acrescentou: “Vá brincar na rua, menino”.

Eu o encarei demoradamente.

“Meu também?”, perguntei. “Eu não o conheço, como ele me conhece?”

“Seu também, sem dúvida. Nós vamos conhecê-lo, isso é o que eu mais temo.”

“Mas por quê? Que foi que nós fizemos?”

“Nós somos...”, respondeu meu pai.

Silêncio.

Minha mãe entrou na sala.

Na época, não consegui descobrir o que aquela resposta tinha a ver com a minha pergunta, por profundas e deliberadas que fossem as explicações que ouvi posteriormente. Para mim, tudo parecia uma loucura.

Nunca perguntei ao meu pai se Deus nos acudiu. Porque, em suas palavras, detectei a cólera íntima e toda a amargura com que ele procurava minimizar um grande perigo. Em vão. Afinal, eu já havia entendido que B. era um inimigo poderoso e podia tornar-se mais poderoso ainda, tanto que só o socorro divino era

capaz de lhe opor resistência. Assim como eu não sabia quem era aquele que meu pai designava como inimigo, tampouco sabia quem era Deus, a quem, segundo ele, cumpria nos acudir. Não conhecia nenhum dos dois. Mas ambos estavam presentes.

“Mas ainda não se chegou a tanto”, acrescentou meu pai com um brando sorriso para me animar, pois havia interpretado corretamente meu silêncio. Contudo, tive a impressão de que suas palavras se destinavam mais a tranquilizar a ele mesmo.

Isso aconteceu quando eu tinha dez anos, e, desde então, atrás da minha juventude projetou-se uma sombra dupla a evocar as palavras do meu pai. Na época, estava longe de saber até que ponto ela podia se dilatar. Só percebia o estranhamento que irrompera de súbito na minha vida, embora não pudesse exprimi-lo exatamente. Minha inocência infantil fora violada. Uma leve fissura que, com os anos, se abriria em chaga que mergulha fundo na carne e não fecha mais.